



XVI ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção
São Paulo, 21 a 23 de Setembro de 2016

SEGURANÇA DAS PESSOAS E DO PATRIMÔNIO EM PARQUE URBANO: CERCAR OU MANTER ABERTO¹

MARQUES, Claudia Adriana Nichetti (1); BERTONI, Amanda Schöler (2); MANO, Cássia
Morais (3); REIS, Antônio Tarcísio da Luz (4)

(1) PROPUR-UFRGS, e-mail: claudia.nichetti@gmail.com; (2) PROPUR-UFRGS, e-mail:
schuler.bertoni@gmail.com; (3) PROPUR-UFRGS, e-mail: cassia.arqurb@gmail.com;
(4) PROPUR-UFRGS, e-mail: tarcisio.reis@ufrgs.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar a necessidade de cercar ou manter aberto um parque urbano, o Parque Farroupilha, considerando a segurança das pessoas e do patrimônio. Assim, são analisados os atuais níveis de segurança no interior e limites do parque por três grupos: frequentadores ou que utilizam o parque como passagem; moradores dos bairros do entorno; e comerciantes, nomeadamente, lojistas em edificações do entorno, vendedores ambulantes no Parque, e expositores da Feira Ecológica e do Brique da Redenção. Adicionalmente, é investigada a relação entre os níveis de depredação do patrimônio público e de segurança e visibilidade dos locais onde tal patrimônio se encontra no parque. A coleta de dados incluiu levantamentos de arquivo, levantamento físico, entrevistas com 30 vendedores ambulantes, e questionários aplicados a 54 frequentadores, 22 moradores e 50 comerciantes. Os dados coletados através de questionários foram tabulados no programa SPSS e analisados através de testes estatísticos não-paramétricos, tais como: frequência, tabulação cruzada (Phi) e Kruskal-Wallis. Os resultados indicam que os níveis de depredação do patrimônio encontrados não teriam sido alterados caso o parque fosse cercado e que a ideia de cercamento, praticamente, não diminui a atual percepção de insegurança no Parque Farroupilha pelos três grupos da amostra.

Palavras-chave: Segurança das pessoas. Segurança do patrimônio. Parque urbano cercado.

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate the need for fencing or keeping open an urban park, the Farroupilha Park, considering the safety of people and public monuments. Thus, the current security levels within and in the park boundaries are analyzed by three groups: those using the park, even if only as a passage; residents of neighborhoods surrounding the park; and merchants, namely, shopkeepers in the surrounding buildings, street vendors in the Park and Ecological Fair and Brique exhibitors. In addition, it is investigated the relationship between depredation levels of public monuments and security and visibility levels of places where such monuments are located. Data collection included file surveys, physical measurements interviews with 30 street vendors, and questionnaires applied to 54 users, 22 residents and 50 merchants. The data collected through questionnaires were tabulated in the SPSS and analyzed using non-parametric statistical tests, such as frequency, cross tabulation (Phi) and Kruskal-Wallis. The main results indicate that the depredation levels of public

¹ MARQUES, Claudia Adriana Nichetti; BERTONI, Amanda Schöler; MANO, Cássia Moraes; REIS, Antônio Tarcísio da Luz. Segurança das pessoas e do patrimônio em parque urbano: cercar ou manter aberto. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 16., 2016, São Paulo. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2016.

monuments would not have been altered if the park was fenced and that such fencing does not significantly reduce the current perception of insecurity in the Farroupilha Park by the three sample groups.

Keywords: *Safety of people. Safety of public monuments. Fenced urban park.*

1 INTRODUÇÃO

Parques urbanos são importantes para a dinâmica das cidades, em razão de proporcionarem diferentes tipos de atividades e promoverem a sociabilidade e o bem estar de seus usuários (STIGGER et al., 2010; GEHL, 2013). O sucesso de parques urbanos é dependente de fatores que facilitem sua acessibilidade e uso, possibilitando que usuários realizem atividades em seu interior e entorno com segurança (MARCUS; FRANCIS, 1998). Tais fatores incluem: ausência de barreiras que dificultem a acessibilidade de pessoas; diferentes opções de rotas e atividades; bons níveis de iluminação e sinalização eficiente (VOORDT; WEGEN, 1993; MARCUS; FRANCIS, 1998). Ainda, é essencial manter o parque bem conservado, pois parques vandalizados aumentam a percepção de insegurança, diminuindo a utilização do local e tornando-se locais mais propensos à ocorrência de crimes e vandalismo (MARCUS; FRANCIS, 1998).

Neste sentido, parques urbanos sem cercamento tenderiam a facilitar a circulação e a presença de pedestres, auxiliando na redução de ocorrências criminais, através da vigilância natural exercida pelos próprios usuários do parque (JACOBS, 2000; GEHL, 2013). Embora alternativas para a redução da vulnerabilidade dos parques quanto à ocorrência de crimes incluam a ausência de cercamento, e de não existirem evidências conclusivas acerca da redução de crimes em parques cercados, parques urbanos em muitas cidades têm sido cercados visando reduzir a criminalidade, tal como o 'Tompkins Square Park' em Nova Iorque (SMITH, 1996).

Por outro lado, o Parque Ibirapuera em São Paulo, seria foco de uma série de problemas de segurança gerados pelo pouco movimento de pessoas junto a sua área cercada (LING, 2015). Em Porto Alegre, por sua vez, foi sancionado um projeto de lei que convoca um plebiscito sobre a ideia de cercamento do Parque Farroupilha (ou Redenção), sem que sejam apresentadas evidências que justifiquem tal ideia. O argumento apresentado no Projeto de Lei nº 11.845/15 (CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2015) que tenta justificar o cercamento do Parque Farroupilha descreve que "são comuns as notícias de depredações dos monumentos, destruição de árvores e plantas, assaltos, assassinatos, aliados ao crescente aumento da violência na cidade, atingindo de sobremaneira o Parque da Redenção". Ainda, justifica o cercamento como "forma de enfrentar os episódios que se repetem com danos às pessoas e ao patrimônio público junto ao Parque Farroupilha".

Logo, é necessário aprofundar o conhecimento acerca da real necessidade de cercar ou manter aberto um parque urbano com as características do

Parque Farroupilha como forma a aumentar a segurança das pessoas e do patrimônio público, de acordo com diferentes grupos. Assim, são analisados os atuais níveis de segurança no interior e limites do Parque Farroupilha por três grupos: frequentadores ou que utilizam o parque como passagem; moradores dos bairros do entorno do parque; e comerciantes, nomeadamente, lojistas em edificações do entorno, vendedores ambulantes no Parque, e expositores da Feira Ecológica e do Brique da Redenção. Adicionalmente, é investigada a relação entre os níveis de depredação do patrimônio público e os níveis de segurança e visibilidade dos locais onde tal patrimônio se encontra no Parque.

2 METODOLOGIA

O Parque Farroupilha (Figura 1) é de uso público, possui área de 37,51 hectares, e está localizado no Bairro Farroupilha. O Parque é frequentado por cerca de cinco mil pessoas diariamente e cerca de trezentas mil nos finais de semana, quando ocorrem pela manhã/início da tarde dois eventos tradicionais da cidade na Av. José Bonifácio (Figura 1), adjacente ao Parque: a Feira Ecológica e o Brique da Redenção (Figura 2) (BOCHI *et al.*, 2012).

Figura 1 – Vista área do Parque Farroupilha



Fonte: Amaral, 2005

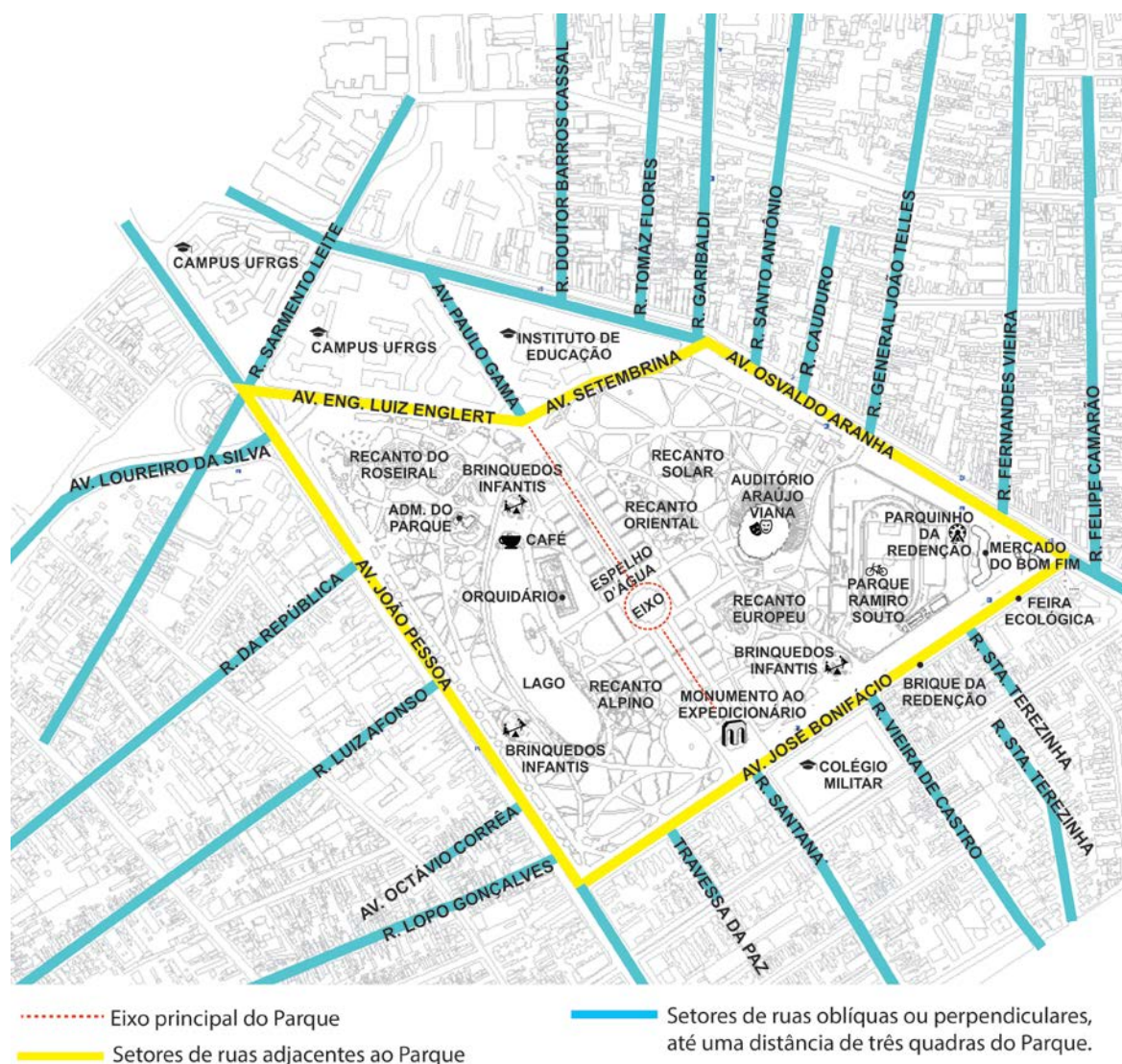
Figura 2 – Brique da Redenção



Fonte: google imagens

Nos demais horários e dias de semana, o movimento na Rua Bonifácio diminui bastante, assemelhando-se ao baixo movimento nas Avenidas Eng. Luiz Englert e Setembrina. Por outro lado, as Avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa são adjacentes ao Parque e caracterizadas pela presença de comércio e serviços e alto movimento de pessoas (Figura 3).

Figura 3 - Parque Farroupilha e ruas próximas



Fonte: autores.

A coleta de dados incluiu, como parte de uma avaliação pós-ocupação (REIS; LAY, 1995) do Parque, levantamento de arquivos, levantamento físico, entrevistas e questionários. Foram identificados 34 monumentos existentes nas bordas e interior do Parque, registrados através de fotografias, descrições do seu estado de conservação e indicações de atos de vandalismos (partes furtadas e pichações) (Tabela 1). São considerados monumentos, os elementos com valor excepcional do ponto de vista da história, arquitetura ou da arte (ICOMOS, 2014). Neste estudo, as categorias de monumentos avaliadas quanto ao seu estado de conservação, são: busto (Figura 4a), cabeça (Figura 4b), chafariz (Figura 4c), estátua (Figura 4d), marco (Figura 4e), conjunto monumental (Figura 4f), relevo (Figura 4g) e outros elementos de decoração pública (Figura 4h) (ALMEIDA, 2004).

Tabela 1 – Levantamento do estado de conservação dos monumentos

Categorias	Denominação	Pichado	Peças furtadas	Dano por ação do tempo	Bom estado de conservação
Busto	1. Padre Cacique de Barros	-	-	Sim	-
	2. Engenheiro Luiz Englert	-	Sim	-	-
	3. Samuel Hahnemann	-	Sim	-	-
	4. Annes Dias	-	Sim	-	-
	5. Licínio Cardoso	Sim	Sim	-	-
	6. Duque de Caxias	-	-	Sim	-
	7. Santos Dumont	-	-	-	Sim
	8. Almirante Tamandaré	Sim	-	-	-
	9. Mascarenhas de Moraes	-	-	Sim	-
	10. Imperatriz Leopoldina	-	Sim	-	-
	TOTAL	2	5	3	1
Cabeça	11. Carlos Gomes	Sim	Sim	-	-
	12. Chopin	-	Sim	-	-
	TOTAL	1	2	-	-
Chafariz	13. Chafariz Imperial	-	-	Sim	-
	14. Chafariz Menino com Concha	-	-	Sim	-
	15. Fonte Luminosa	-	-	Sim	-
	TOTAL	-	-	3	-
Estátua	16. Gaúcho Oriental	-	Sim	-	-
	TOTAL	-	1	-	-
Marco	17. Obelisco Sírio-Libanês	-	Sim	-	-
	18. Obelisco Israelita *	Sim	Sim	-	-
	19. Marco Coluna Brasileira	Sim	Sim	-	-
	20. Marco Homenagem a Beethoven	-	Sim	-	-
	TOTAL	2	4	-	-
Conjunto monumental	21. Monumento ao Expedicionário - Arco	Sim	-	-	-
	TOTAL	1	-	-	-
Relevo	22. João Wesley	Sim	Sim	-	-
	TOTAL	1	1	-	-
Outros marcos e decoração pública	23. Mortos Combate ao Comunismo	-	Sim	-	-
	24. Marco Contra Armas Brinquedo	-	-	Sim	-
	25. Frades de Arenito	-	-	Sim	-
	26. Bebedouro Ferro Fundido	-	-	Sim	-
	27. Buda - Recanto Oriental	Sim	-	-	-
	28. Placa Os Lusíadas	-	-	Sim	-
	29. Frades de Arenito II	Sim	-	-	-
	30. Rosa dos Ventos - Recanto Solar	-	-	Sim	-
	31. Imigração Judaica	-	Sim	-	-
	32. Monumento a Francisco de Assis	-	Sim	-	-
	33. Marco da Exposição Farroupilha	-	Sim	-	-
	34. Lanceiros Negros	-	-	Sim	-
	TOTAL	2	4	6	-
TOTAL GERAL		9	17	12	1

Fonte: elaborada pelos autores

Nota: o Obelisco Israelita, embora esteja fora dos limites do Parque Farroupilha, é considerado patrimônio do Parque.

Figura 4 – Exemplos de monumentos do Parque Farroupilha

(a) Busto



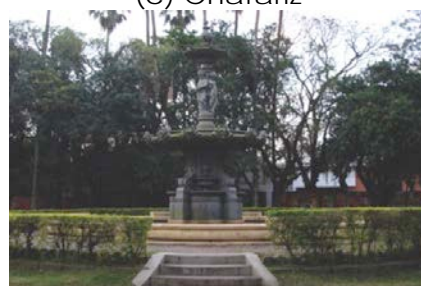
Fonte: autores
Nota: 7- Santos Dumont
- Figura 5

(b) Cabeça



Fonte: autores
Nota: 11- Carlos Gomes
- Figura 5

(c) Chafariz



Fonte: autores
Nota: 13 - Chafariz Imperial
- Figura 5

(d) Estátua



Fonte: autores

Nota: 16 - Gaúcho Oriental
- Figura 5

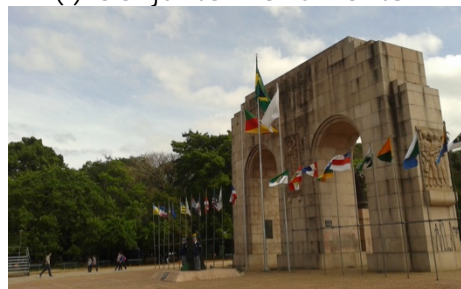
(e) Marco



Fonte: autores

Nota: 19 - Coluna Brasileira
- Figura 5

(f) Conjunto monumental



Fonte: autores

Nota: 21- Monumento ao
Expedicionário - Figura 5

(g) Relevô



Fonte: autores; Almeida, 2004

Nota: 22 - João Wesley. Imagem atual com a placa em relevô
furtada e imagem de 1999 com a placa original
- Figura 5

(h) Decoração pública



Fonte: autores

Nota: 27. Buda - Recanto Oriental
- Figura 5

As entrevistas foram realizadas, em outubro de 2014, com 30 vendedores ambulantes no Parque Farroupilha e os questionários foram aplicados presencialmente e via internet, entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015, a 126 respondentes (Tabela 2), divididos em três grupos: frequentadores do Parque Farroupilha (42,9% - 54 de 126) que praticam atividades de lazer, esporte ou que utilizam o Parque como passagem; moradores dos bairros do entorno do Parque (17,5% - 22 de 126) - Santana, Farroupilha, Bom Fim e Cidade Baixa, com apenas um destes não sendo usuário do Parque; e comerciantes (39,7% - 50 de 126), nomeadamente, os lojistas das edificações do entorno (60% - 30 de 50 - destes, quatro não são usuários do Parque), vendedores ambulantes (22% - 11 de 50) no Parque Farroupilha, e expositores da Feira Ecológica/Brique da Redenção (18% - 9 de 50) (Tabela 2).

Devido ao fato da Lei Municipal nº11.845/15 (CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2015) convocar um plebiscito sobre a ideia de cercamento do Parque Farroupilha mas não apresentar uma proposta para tal, foi proposto um cercamento hipotético para verificar o seu impacto sobre a percepção de segurança das pessoas.

As informações obtidas nos questionários foram transferidas do Lime Survey (onde o questionário estava hospedado) para o SPSS/PC (*Statistical Package for Social Sciences*) e analisadas através de testes estatísticos não-

paramétricos, tais como frequências e tabulações cruzadas (Phi) entre variáveis nominais, e Kruskal-Wallis, entre variáveis nominais e ordinais.

Tabela 2 - Amostras dos respondentes dos questionários

GRUPO	CARACTERÍSTICAS DO GRUPO	ACESSO AO QUESTIONÁRIO	TOTAL DAS AMOSTRAS 126 (100%)
FREQUENTADORES	Praticam atividades no Parque ou o utilizam como passagem	15 questionários aplicados presencialmente (e posteriormente transcritos para o Programa Lime Survey pelos pesquisadores) e distribuição de panfletos no Parque Farroupilha com o endereço virtual do questionário no Lime Survey e compartilhamento do endereço virtual em carta via rede social e e-mail para outros frequentadores	54 (42,9%)
MORADORES	Residentes dos bairros do entorno: Santana, Farroupilha, Cidade Baixa e Bom Fim	Distribuição de panfletos com endereço virtual nas caixas de correio dos edifícios residenciais que fazem frente ao Parque Farroupilha e distribuição no Parque de panfletos com o endereço virtual do questionário no Lime Survey para moradores destes bairros.	22 (17,5%)
COMERCIANTES	Lojistas que exercem atividades em edificações do entorno; vendedores ambulantes no Parque Farroupilha; e expositores da Feira Ecológica/ Brique da Redenção.	Questionários aplicados presencialmente, cujas respostas foram transcritas e posteriormente transcritos para o questionário no programa Lime Survey.	50 (39,7%)

3 RESULTADOS

3.1 Atuais níveis de segurança no interior e limites do Parque

Um percentual expressivo (39,6% - 50 de 126) de respondentes percebe atualmente o Parque Farroupilha como inseguro ou muito inseguro, e apenas a metade deste percentual (19,8% - 25) o percebe como seguro. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as percepções de segurança dos três grupos (K-W), embora a insegurança seja mais percebida entre os frequentadores (42,6% - 23 de 54) e comerciantes (42% - 21 de 50) do que entre os moradores (27,3% - 6 de 22) (Tabela 3). A percepção de insegurança por todos os grupos reflete-se no uso frequente do eixo central, percebido como mais seguro conforme comentários de respondentes contatados pessoalmente.

Tabela 3 - Percepção de segurança no Parque Farroupilha

Você considera o Parque Farroupilha:	Frequentadores	Moradores	Comerciantes	Total
Muito inseguro	6 (11,1%)	0 (0,0%)	4 (8%)	10 (7,9%)
Inseguro	17 (31,5%)	6 (27,3%)	17 (34%)	40 (31,7%)
Nem seguro, nem inseguro	21 (38,9%)	15 (68,2%)	15 (30%)	51 (40,5%)
Seguro	10 (18,5%)	1 (4,5%)	14 (28%)	25 (19,8%)
Muito seguro	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
mvo (K-W)	60,88	65,32	65,53	-
Total	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais em relação ao total de cada grupo e ao total dos 126 respondentes; mvo K-W=média dos valores ordinais obtidos através do teste Kruskal-Wallis (K-W), sendo que quanto menor este valor, maior o nível de insatisfação com a segurança do Parque.

As cinco principais razões para a avaliação negativa da segurança são: policiamento insuficiente (77% - 97 de 126); pouca iluminação (69,8% - 88 de

126); presença de tráfico e usuários de drogas (54,8% - 69 de 126); número insuficiente de câmeras de segurança (42,1% - 53 de 126); e existência de prostituição (29,4% - 37 de 126) (Tabela 4).

Tabela 4 - Razões para a avaliação da segurança no Parque Farroupilha

Razões da avaliação da segurança	Avaliação da segurança					Total
	Muito inseguro	Inseguro	Nem seguro, nem inseguro	Seguro	Muito seguro	
Policiamento insuficiente	10 (7,9%)	38 (30,2%)	41 (32,5%)	8 (6,3%)	0 (0,0%)	97 (77%)
Pouca iluminação	8 (6,3%)	31 (24,6%)	40 (31,7%)	9 (7,1%)	0 (0,0%)	88 (69,8%)
Presença de tráfico e usuários de drogas	8 (6,3%)	29 (23%)	28 (22,2%)	4 (3,2%)	0 (0,0%)	69 (54,8%)
Nº insuficiente de câmeras	5 (4%)	25 (19,8%)	20 (15,9%)	3 (2,4%)	0 (0,0%)	53 (42,1%)
Existência de prostituição	4 (3,2%)	17 (13,5%)	13 (10,3%)	3 (2,4%)	0 (0,0%)	37 (29,4%)

Caso o Parque Farroupilha fosse cercado, verifica-se que a percepção de insegurança (33,3% - 42 de 126) e de segurança (25,4% - 32 de 126) (Tabela 5) respectivamente, diminuiria e aumentaria apenas um pouco em relação às percepções de insegurança e seguranças atuais (Tabela 3), continuando a ser preponderante a percepção de insegurança no Parque. Embora para o grupo dos moradores prepondere a percepção do Parque cercado como seguro ou muito seguro (36,3% - 8 de 22) sobre a percepção de inseguro ou muito inseguro (27,2% - 6 de 22), este percentual ainda é expressivo (quase 1/3 da amostra). Adicionalmente, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos quanto à percepção de segurança no Parque Farroupilha em caso de um possível cercamento (K-W) (Tabela 5). Logo, a hipótese de um Parque Farroupilha cercado não gerou maiores alterações nas percepções de insegurança no Parque por parte dos três grupos.

Tabela 5 - Percepção de segurança no Parque Farroupilha em caso de cercamento

Em caso de um possível cercamento o Parque Farroupilha ficaria:	Frequentadores	Moradores	Comerciantes	Total
Muito inseguro	11 (20,4%)	1 (4,5%)	6 (12%)	18 (14,3%)
Inseguro	10 (18,5%)	5 (22,7%)	9 (18%)	24 (19%)
Nem seguro, nem inseguro	23 (42,6%)	8 (36,4%)	21 (42%)	52 (41,3%)
Seguro	8 (14,8%)	7 (31,8%)	11 (22%)	26 (20,6%)
Muito seguro	2 (3,7%)	1 (4,5%)	3 (6%)	6 (4,8%)
mvo (K-W)	60,88	65,32	65,53	-
Total	54 (100%)	22 (100%)	50 (100%)	126 (100%)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais das amostras individuais de cada grupo e em relação ao total de 126 respondentes dos três grupos; mvo K-W=média dos valores ordinais obtidos através do teste Kruskal-Wallis (K-W), sendo que quanto menor este valor, maior o nível de insatisfação com a segurança do Parque.

Dentre os locais percebidos atualmente como mais inseguros estão os que apresentam características que não seriam alteradas por um cercamento, tais como: fundos do Araújo Viana (38,1% - 48 de 126) - local com a presença de tráfico de drogas e baixo movimento de pedestres, conforme os próprios respondentes; ex-Mini Zoológico (32,5% - 41 de 126) e local próximo ao viaduto da Av. João Pessoa (31,7% - 40 de 126) - são locais próximos à Av. Eng. Luiz Englert, que apresenta um baixo movimento de pessoas e, conseqüentemente, baixa supervisão visual; banheiros (23% - 29 de 126) -

com exceção do fato que não poderiam ser utilizados quando o Parque estivesse fechado, não parece que um cercamento teria maiores impactos positivos sobre a segurança neste local; local próximo ao Instituto de Educação (16,7% - 21 de 126) - próximo à Av. Setembrina, que também apresenta um baixo movimento de pessoas e, conseqüentemente, baixa supervisão visual. Outros locais que estão entre os mais inseguros [Estátua de Buda (18,3% - 23 de 126), Lago (15,9% - 20 de 126) e Orquidário (15,1% - 19 de 126)] parece que não teriam a segurança melhorada pela existência de um cercamento e conseqüente fechamento do Parque à noite, já que são locais de uso mais contemplativo e diurno (Tabela 6; Figura 5). Contudo, foram encontradas relação estatisticamente significativa (Tabulação cruzada, Phi) entre as indicações dos seguintes locais pelos três grupos: ex-mini zoológico (Phi=0,242, sig.=0,025); próximo ao viaduto da Av. João Pessoa (31,7% - 40 de 126) (Phi=0,281, sig.=0,007); banheiros (23% - 29 de 126) (Phi=0,230, sig.=0,036); próximo ao Instituto de Educação (Phi=0,314, sig.=0,002); e orquidário (Phi=0,218, sig.=0,050). As diferenças estão, fundamentalmente, entre as indicações destes locais como inseguros por um menor número de comerciantes do que por frequentadores e moradores.

Tabela 6 - Locais considerados mais inseguros no interior do Parque Farroupilha

Locais indicados pelos respondentes como inseguros no interior do Parque Farroupilha	Frequentadores 54 (100%)	Moradores 22 (100%)	Comerciantes 50 (100%)	Total 126 (100%)	Sig.	Phi
	n.a (%)	n.a (%)	n.a (%)	n.a (%)		
Fundos do Araújo Viana	23 (42,6%)	11 (50%)	14 (28%)	48 (38,1%)	0,139	0,177
Ex-Mini Zoológico	18 (33,3%)	12 (54,5%)	11 (22%)	41 (32,5%)	0,025	0,242
Próximo ao viaduto da Av. João Pessoa	24 (44,4%)	8 (36,4%)	8 (16%)	40 (31,7%)	0,007	0,281
Banheiros	18 (33,3%)	5 (22,7%)	6 (12%)	29 (23%)	0,036	0,230
Estátua do Buda	12 (22,2%)	6 (27,3%)	5 (10%)	23 (18,3%)	0,132	0,179
Próximo ao Instituto de Educação	16 (29,6%)	3 (13,6%)	2 (4%)	21 (16,7%)	0,002	0,314
Lago	9 (16,7%)	3 (13,6%)	8 (16%)	20 (15,9%)	0,947	0,029
Orquidário	13 (24,1%)	2 (9,1%)	4 (8%)	19 (15,1%)	0,050	0,218

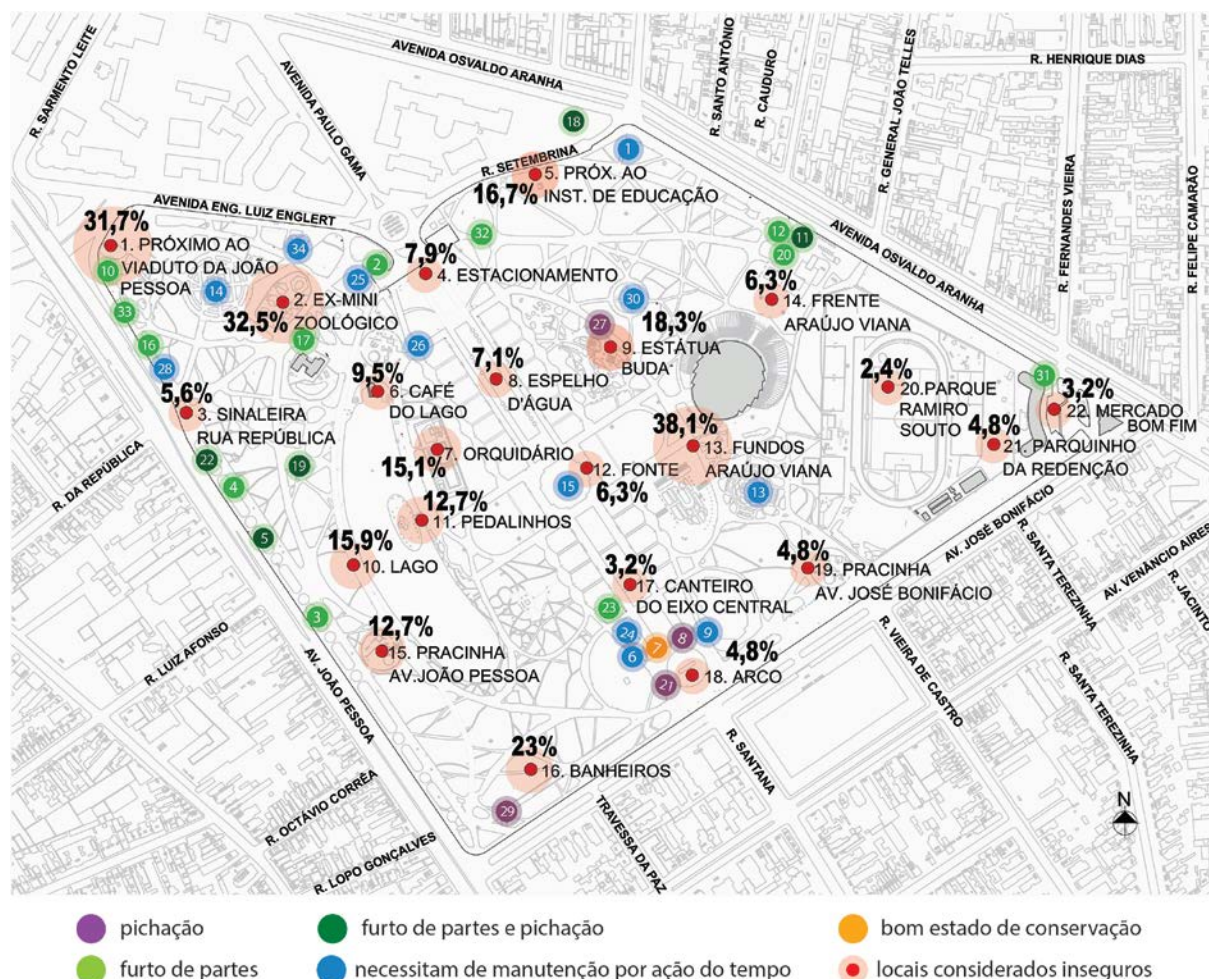
Nota: n.a (%)= número absoluto de respondentes que mencionaram o local em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total de 126 respondentes; os respondentes podem ter mencionado mais de um local.

3.2 Relação entre os níveis de depredação do patrimônio público e os níveis de segurança e visibilidade onde tal patrimônio se encontra no parque.

Foram analisados 34 monumentos distribuídos no entorno e interior do Parque Farroupilha (Figura 5). Foi constatado que: 61,7% (21 de 34) dos monumentos possuem sinais de vandalismo, sendo que deste total, 80,9% (17 de 21) tiveram partes furtadas e 42,8% (9 de 21) foram pichados (Figura 5 e Tabela 1); 35,2% (12 de 34) com necessidade de manutenção por ação do tempo; e apenas um monumento estava em bom estado de conservação. Os monumentos com sinais de vandalismo estão basicamente localizados nas bordas do Parque, e os que necessitam apenas de manutenção por danos provocados pela ação do tempo estão dispostos no interior do Parque (Figuras 5, 6, 7, 8 e 9). Estes fatos sugerem que um cercamento impediria o

acesso direto das ruas a tais monumentos, dificultando o acesso aos mesmos e reduzindo as ações de vandalismo.

Figura 5 - Levantamento do estado de conservação dos monumentos



Fonte: autores

No entanto, a maioria das depredações nos monumentos estavam relacionadas ao furto de partes que poderiam oferecer algum valor de venda, principalmente placas em bronze. Esta informação foi confirmada pelo administrador do Parque, o qual disse que a prática de vandalismo com maior incidência é o roubo de partes dos monumentos que tenham valor comercial (Figuras 6 e 8). Com propósito de evitar furtos, a restauração dos monumentos prevê a substituição das partes em bronze por peças em resina sem valor comercial. Neste sentido, um possível cercamento não teria efeito sobre este tipo de depredação, uma vez que as partes em resina deixariam de ser alvo de furtos.

As pichações (Figuras 6 e 9) foram identificadas em vários monumentos e também em algumas árvores, mas de forma menos expressiva do que o furto de partes. Segundo o administrador do Parque, "os pichadores estão sempre presentes no Parque. Eles são grupos específicos, estão em todos os horários,

sempre esperando uma oportunidade". Portanto, o fato do Parque estar cercado não impediria a circulação nem a presença destes vândalos, principalmente por não terem horário específico para agir.

Figura 6 – Pichação e furto de partes



Fonte: autores

Nota: 5 - Licínio Cardoso - Figura 5

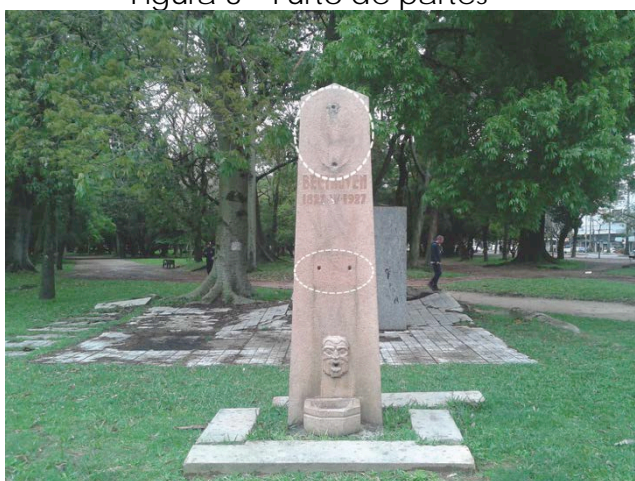
Figura 7 - Falta de manutenção



Fonte: autores

Nota: 28 - Os Lusíadas - Figura 5

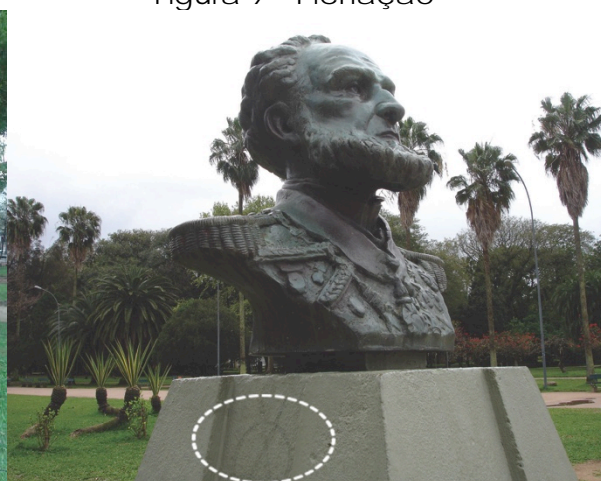
Figura 8 – Furto de partes



Fonte: autores

Nota: 20 - Homenagem a Beethoven - Figura 5

Figura 9 – Pichação



Fonte: autores

Nota: 8 – Almirante Tamandaré - Figura 5

Ainda, não foi identificada uma relação direta entre as áreas consideradas mais inseguras pelos respondentes e o estado de conservação dos monumentos, havendo monumentos com partes furtadas e monumentos pichados tanto próximos quanto distantes de áreas percebidas como mais inseguras (Figura 5). Os monumentos com partes furtadas ou pichados estão em locais com boa visibilidade por parte dos transeuntes (Figuras 8 e 9).

4 CONCLUSÕES

A relação entre os níveis de segurança no interior, adjacências e proximidades do Parque Farroupilha e a ideia de cercá-lo ou não, revela que um percentual expressivo do total dos respondentes percebe o Parque Farroupilha como inseguro ou muito inseguro. As principais razões para a avaliação negativa da segurança revelam que, provavelmente, a melhoria em três destas (policiamento, iluminação, câmeras de segurança) provocaria uma redução, pelo menos, na presença de tráfico e usuários de drogas. Estas melhorias coincidem com aquelas propostas por pessoas contrárias ao cercamento (Ely, 2015). Por outro lado, um cercamento do Parque, tenderia a aumentar a quantidade de locais propícios para tais presenças devido à provável redução do movimento e supervisão visual por parte dos usuários do Parque. Adicionalmente, a hipótese de um Parque Farroupilha cercado não gerou maiores alterações nas percepções de insegurança por parte dos três grupos. Verifica-se que dentre os locais percebidos como mais inseguros estão aqueles que apresentam características que não seriam melhoradas por um cercamento, tais como baixo movimento e baixa supervisão visual dos espaços abertos por parte de pessoas nos próprios espaços abertos e em edificações adjacentes.

Em relação aos níveis de depredação do patrimônio conclui-se que um cercamento poderia impedir o acesso direto das ruas à tais monumentos e, com isso, reduziria as ações de vândalos, visto que, o maior número de monumentos vandalizados estão localizados nas bordas do Parque. Considerando que as partes em metal dos monumentos serão substituídas por réplicas, o problema de furto de peças para venda seria eliminado.

Assim, as análises realizadas sugerem que ações como intensificar o policiamento, melhorar a iluminação e aumentar a quantidade de câmeras de vigilância, minimizariam a ocorrência de vandalismo e reduziriam o nível de insegurança das pessoas, e seriam bem mais efetivas do que cercar um parque urbano como o Farroupilha.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. A. A escultura pública de Porto Alegre: História, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004
- BOCHI, T., GREGOLETTO, D. & REIS, A. Cercamento de parques urbanos conforme a percepção de usuários comerciantes. In: **Anais do XVI CONGRESSO ARQUISUR – FADU**. Buenos Aires, 2012.
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Lei Municipal nº11.845/15** de 28 de maio de 2015. Convoca consulta à população, mediante plebiscito, a respeito do cercamento do Parque Farroupilha – Parque da Redenção. Câmara Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, 28 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.camarapoa.rs.gov.br>>. Acesso em: 15 de abril de 2015.
- GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo, F.D: Perspectiva, 2013.

ICOMOS (INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES). Disponível em: <<http://www.international.icomos.org/fr/>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3º ed. São Paulo, D.F: WMF Martins Fontes, 2000.

LING, A. **Cercar espaços públicos é errado em todos os sentidos imagináveis**. Disponível em:<<http://caosplanejado.com/cercar-espacos-publicos-e-errado-em-todos-os-sentidos-imaginaveis/>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2016.

MARCUS, C. & FRANCIS, C. **People places: design guidelines for urban open space**. 2ºed. New York, D.F: John Wiley, 1998.

REIS, A.; LAY, M. C. **As Técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído**. Gramado, RS: Curso III Encontro Nacional - I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, ANTAC - Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 1995.

SMITH, N. **The new urban frontier**. Gentrification and the revanchist city. Londres: Routledge, 1996.

STIGGER, M.; MELATI, F. & MAZO, J. Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 21, n. 1, p. 127-138, 2010.

VOORDT, D. & WEGEN, H. The Delft Checklist on Safe Neighborhoods. **Journal of Architectural and Planning Research**, v. 10, nº 4, p. 341-356, 1993.